

**“SANGUE DE ILUSÕES” DE JOÃO DE MINAS:
UM LIVRO ESQUECIDO DE UM AUTOR OSCURO**

*Leandro Antonio de Almeida**

Resumo: *Este artigo trata de um livro de João de Minas esquecido pelo próprio autor entre o rol de suas obras, intitulado “Sangue de Ilusões”. Procuramos relacionar o motivo desse esquecimento ao seu contexto histórico.*

Abstract: *In this article we analyse a João de Minas’ book that was forgotten by himself in the author’s worklist, intitled “Sangue de Ilusões”. We tried to relate the reason of this oblivion to his general historical context.*

Neste artigo procuraremos perseguir os sentidos históricos do esquecimento de um autor, João de Minas, a partir de um dos de seus livros, *Sangue de Ilusões*¹, que foi por ele próprio de lado do conjunto de sua obra. Para introduzir o assunto deste artigo, seguimos o conselho que Marc Bloch dá no seu *Apologia*² e relatamos as etapas iniciais do estudo que desenvolvemos.

* Este artigo decorre da pesquisa de mestrado (História / FFLCH / USP) em andamento intitulada “Dos sertões desconhecidos às cidades de ponta cabeça: um estudo da obra de João de Minas”, iniciado em 2005 sob orientação do Prof^o Dr. Elias Thomé Saliba. Aliás, foi o prof. Elias quem nos apresentou a obra de João de Minas e gentilmente nos sugeriu seu estudo em 2003. O mestrado conta com bolsa da FAPESP desde junho de 2006. Agradeço também a Thereza Olívia R. Soares, pelo importantíssimo apoio que tem me dado.

¹ MINAS, João de. *Sangue de Ilusões*. Rio de Janeiro: Casa Leuzinger, 1930.

² BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001, p. 83. Eis o conselho: “A frente das obras históricas do gênero sério, o autor em geral coloca uma lista das cotas de arquivos que vasculhou, das coletâneas que fez uso. Isso é muito bom. mas não basta. Todo livro de história digno desse nome deveria comportar um capítulo ou [caso se prefira], inserida nos pontos de inflexão da exposição, uma série de parágrafos que se intitulariam algo como: ‘Como posso saber o que vou lhes dizer?’ Estou convencido de que, ao tomar conhecimento dessas confissões, inclusive os leitores que não são do ofício experimentariam um verdadeiro prazer intelectual. O espetáculo da busca, com seus sucessos e reveses, raramente entedia. É o tudo pronto que espalha o gelo e o tédio.”

João de Minas é o pseudônimo literário utilizado pelo advogado e jornalista mineiro Ariosto Palombo ao longo de quase toda a sua vida. Durante a década de 1920 ele colaborou nos jornais “Lavoura e Comércio” (Uberaba-MG) e “O Paiz” (RJ), no qual ficou conhecido também no Rio de Janeiro e São Paulo. Em 1930 mudou-se para o Rio de Janeiro e, ao que parece, após outubro desse ano, com a Revolução, João de Minas viajou para a Argentina e, em 1932, se estabeleceu permanentemente nas terras paulistas, primeiramente no interior e depois, em 1933, na capital. Entre essa data e 1936 colaborou em jornais e revistas, assim como publicou seus “romances sexuais”, num estilo picante ao modo de Benjamin Costallat ou de Nelson Rodrigues. Então João de Minas desistiu da literatura para fundar uma religião, a Igreja Brasileira Cristã Científica, oficializada em 1940, à qual se dedicou pelo resto da vida, até a sua morte em 1984.

O parágrafo acima é uma síntese biográfica elaborada com base em Aderbal Freire-Filho, o teatrólogo que discorreu sobre João de Minas no posfácio da obra *A Mulher Carioca aos 22 Anos* (1934, 1999)³, romance que adaptou para teatro. Sendo a única bibliografia disponível sobre o escritor, naturalmente tornou-se um guia para nossa pesquisa de mestrado, que, como a de Aderbal, encontra dificuldades em levantar dados biográficos e bibliográficos diretos sobre o objeto de pesquisa. Podemos citar, por exemplo, a ausência de menções sobre João de Minas ou sua obra nos dicionários de literatura existentes (a única que encontramos está no *Dicionário Biobibliográfico de Goiás*, graças ao auxílio da Internet, mas disponível em forma impressa⁴). Existem artigos de época (resenhas) sobre suas obras, mas, como também pontuou Aderbal, não fornecem informações sobre Ariosto Palombo além das já apresentadas em seus livros. João de Minas⁵



João

Por isso, com o posfácio em mãos, aceitamos o convite feito pelo amigo Daniel Lago Monteiro em junho de 2003 para passar férias no Rio de Janeiro. Após visita a alguns pontos turísticos, consideramos proveitoso ir aos arquivos e bibliotecas da cidade. Foi na Casa de Rui Barbosa que encontramos obras do

³ FREIRE FILHO, Aderbal. *Quem é Esse Cara?* In: Minas, João de. *A Mulher Carioca aos 22 anos*. Rio de Janeiro: Dantes, 1999, p 211-266

⁴ MARTINS, Mário Ribeiro. *Dicionário Biobibliográfico de Goiás*. Rio de Janeiro: Master, 1999, pp. 45-46 (AG Pinto), 571 (João de Minas), 1055-1056 (Teófilo Neto).

⁵ Esta foto está inserta na capa do livro: MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*. São Paulo: Imprensa Americana Editora, 1936

João de Minas que até então não havíamos lido mas sabíamos da existência, como *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, seu último livro de literatura (1936), e *Farras com o Demônio*. Para nosso espanto, encontramos nessa biblioteca uma outra obra intitulada *Sangue de Ilusões*. Procuramos o título na lista de livros elaborada por Aderbal, que é a mesma que João de Minas publicava nos seus livros, acrescentada a Bíblia de sua religião. A obra não constava lá. Após ler inteiramente *Sangue de Ilusões*, transcrevemos o prefácio e algumas de suas partes em nosso caderno de notas, agradecendo profundamente ao Plínio Doyle por ter adquirido aquele exemplar do livro. Havíamos descoberto uma obra raríssima, praticamente inexistente em sebos e bibliotecas⁶ que contém em seus acervos os já raros livros de João de Minas. Em conversa com seu filho, o advogado Regis Palombo, o mesmo nos informou que também desconhecia o livro e que o pai nunca comentara nada sobre ele.

* * *

A peculiaridade de *Sangue de Ilusões* é que, ao que parece, ele foi esquecido pelo próprio autor. João de Minas não o listou no rol dos livros lançados até 1936, nem na Bíblia de 1957, ao contrário do que fazia com os outros títulos que publicou. O livro parecia, já no seu prefácio, datado de 21 maio de 1930, destinado ao esquecimento:

“Não sou de todo um descrente diante da laje fúnebre do analfabetismo nacional. Talvez alguém me leia. Mas pode acontecer o contrário... Nesse caso, eu mesmo me leio. Eu sou um incorrigível apreciador da minha obra. Ela é ruim, não presta. Mas não faz mal...” (p. 7).

Considerando que tanto o analfabetismo brasileiro quanto a qualidade atribuída à obra não são fatores por si só que expliquem o motivo de seu esquecimento, trataremos agora de seu conteúdo, revelador das tensões políticas da época em que foi escrito.

O livro teria o título de “Vida de Arranha Céu”, denominação de uma crônica que João de Minas mantinha no jornal *O Paiz*, muito provavelmente a partir de sua estada permanente no Rio de Janeiro desde janeiro de 1930. Iniciou sua colaboração quase semanal neste jornal em junho de 1927, enviando seus textos de Uberaba, onde residia. Segundo o autor, por motivos que não interessariam ao leitor (os quais trataremos adiante), resolveu dar o título *Sangue de Ilusões*. Ainda segundo João de Minas, o livro “saiu n’O ‘Paiz’ em grifo, de janeiro deste ano até maio [de 1930]. O leitor verá, pelo assunto, a marcha dos dias, que eram de rude combate em torno à sucessão presidencial do Sr. Antonio Carlos,

⁶ À exceção de *Sangue de Ilusões*, toda a obra de João de Minas está conservada no riquíssimo acervo da Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes. Agradecemos a extrema gentileza de Cláudio Giordano, que nos facultou o acesso aos livros.

em Minas” (p. 6). Além disso, tinha “muita matéria inédita, viagens políticas, crítica literária, esboços sociológicos, pinceladas rápidas na tela da crônica, idéias e comentários.” (p. 7), resultado de suas colaborações no *O Paiz* anteriores a 1930 e no *Correio Paulistano*, onde escreveu de março de 1929 até setembro do ano da Revolução.

Sua posição perrepista já era conhecida tanto na imprensa quanto nas livrarias. Afinal, *Sangue de Ilusões* é o terceiro livro da série de crônicas reunidas de *O Paiz* sob essa perspectiva, todos com o mesmo teor panfletário que lhe valeu a seguinte frase de um de seus críticos, Plínio Barreto: “é um partidário apaixonado. O seu legalismo tem qualquer coisa de fanático e de cruel”⁷. A frase fora dita a respeito do seu primeiro livro *Jantando um Defunto*⁸, no qual João de Minas desanca com a Coluna Prestes, narrando os supostos horrores e atrocidades cometido pelos tenentes ao longo de sua marcha pelos sertões de Mato-Grosso e Goiás. João de Minas, nessa época, parece confirmar a frase do crítico do *Estado de São Paulo*, ao dizer que “não quero saber – numa hipótese – se o meu partido [a Concentração Conservadora], de que sou ínfimo soldado, de que sou um piolho, ou um pouco de pó, não quero saber se o meu partido perdeu ou ganhou. Eu estou com ele, eu sou dele!” (*Sangue de Ilusões*, p. 6), e o faz em nome do bem estatal e da política nacional. Seu segundo livro, *Farras com o Demônio*⁹, também publicado em 1930 (por volta de março), continua narrando viagens a Goiás, Minas e Mato-Grosso, e compõem-se em sua segunda parte de crônicas num tom favorável ao progresso paulista, ao presidente Washington Luís e personalidades importantes nas províncias apoiadores do governo federal sob os auspícios dos republicanos paulistas¹⁰. *Sangue de Ilusões* é, nesse aspecto, em parte uma continuação desse último livro, assim como a última parte de uma trilogia inspirada por uma adesão apaixonada ao PRP.

Logo, publicado com o próprio dinheiro do autor, “alguns contos de réis”, o livro *Sangue de Ilusões* tinha o objetivo claro de se opor à campanha de Antonio Carlos em Minas e, mais amplamente, à Aliança Nacional que tinha à frente Getúlio Vargas. João de Minas explicita que fazia parte da Concentração Conservadora, partido mineiro favorável ao PRP formado a partir do racha do PRM em 1929, tendo Melo Viana (ex-governador de Minas) e Carvalho Brito à testa. Por essa posição concentrista, ainda em 1929, João de Minas reclamará em um de seus artigos que seus adversários políticos do Triângulo Mineiro o apelidaram, fazendo trocadilho com a sonoridade de seu pseudônimo, de “O Judas de

⁷ BARRETO, Plínio. Livros Novos. *O Estado de São Paulo*, S. Paulo, 01/06/1929, p. 3

⁸ MINAS, João de. *Jantando um Defunto*. Rio de Janeiro: Alpha, 1929

⁹ MINAS, João de. *Farras com o Demônio: Historias Vividas por João de Minas*. Rio de Janeiro: Orozio, 1930

¹⁰ A primeira parte é uma aventura na qual João de Minas, o farmacêutico Francisco e o guia Xaraim percorrem os sertões do Brasil Central.

Minas”. Não sem razão seus adversários com ele se enfureciam, pois, no livro, os epítetos destinados ao então presidente mineiro giram em torno de expressões como “dançarina espanhola” ou “o tarado Andrada”.

Assim, a obra *Sangue de Ilusões* é, também, mais um sintoma do ambiente político agitado do ano de 1930, que levou o prof. Sevcenko a dizer que

*“nesse final da década, os tempos se tornaram convulsos e as mentes se turvaram. O acirramento das militâncias queria ver em cada criatura um soldado, numa guerra que só admitia dois lados, o certo e o errado, o justo e o opressivo, o bem e o mal. As metáforas militares se tornam cumulativas, dominantes, sufocantes. Por toda parte se fala e se repete, exaustivas vezes, em frente única, combate, vitória e líder.”*¹¹

Ao avançarmos em poucos meses o desenrolar dos eventos históricos, veremos o lado que se tornou vencedor politicamente, e teremos o provável motivo do esquecimento do livro: com a Revolução de 1930, João de Minas vê todo o edifício político que defendia se despedaçar diante de seus olhos, derrubado por seus adversários políticos. Apesar de conseguir inserções na “Nova República”, como a colaboração no *Jornal do Estado* (Diário Oficial do Estado de São Paulo) em junho e julho 1933 sob os auspícios de Dirlemando de Assis e enquanto durou a Interventoria de Waldomiro de Lima (fim de julho desse ano), não se recuperou logo do trauma. Afinal, em uma crônica de 1934 intitulada “Depois, Miseravelmente Depois”, que encerra o livro de crônicas *Pelas Terras Perdidas* (1934), reflete: “Os anos passaram. Tudo mudou, no terremoto japonês que nos virou de catrambias. Outro mundo, outro espírito, outra cultura, e até outra geração.” Esta percepção o faz sentir-se deslocado em relação ao seu presente, como na sentença: “Saí de casa, depois do jantar. Fui andando, apagado, como um fantasma de um outro tempo, de uma idade morta... Fui andando.”¹²

Portanto, parece que não apenas os contos de réis investidos no livro *Sangue de Ilusões* foram em vão, mas também as energias dispendidas em anos de militância política. Sobre o título do livro, João de Minas diz que

“estas páginas são garatujadas com o meu sangue, vivo, quente e sincero. Mas um outro sangue, o das minhas ilusões... (...) Todos nós vivemos mais com o sangue espiritual do que com esse caldo vermelho que nos rega o sangue. O sangue das ilusões, da fé, dos afetos, da bondade e do ódio, é todo um arco-íris da criação” (p. 5)

¹¹ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 300

¹² Ambas as citações foram extraídas de: MINAS, João de. *Pelas Terras Perdidas*. S. Paulo: Editorial Paulista, 1934, p. 199.

Não por acaso a capa do livro é vermelha como sangue... sangue esse que, aplicado a um objetivo político, esvaiu-se muito pouco tempo depois, em outubro desse ano de 1930. Isso, aliado aos vários anos em que Getúlio esteve no poder (1930-1945), o que tornava impertinente qualquer menção ou mesmo reedição de sua obra, pode ter contribuído para que o livro caísse em total esquecimento, mesmo por parte do autor.

Mas João de Minas não permaneceu calado. Parece que o ódio acumulado voltou-se à sociedade da qual se sentia deslocado e ao passado marcado pelo fracasso. Os seus romances publicados após 1930, tanto os sertanistas ou policiais mas principalmente os sexuais, trarão em si uma sátira ferina à política e ao mecanismo de Estado do passado (do tempo do PRP) e do presente, à sociedade patriarcal que se valia das aparências, identidades e valores para extravasar aquilo que ela mesmo reprimia e para explorar as camadas menos favorecidas da sociedade numa busca de dinheiro, paixão e poder. João de Minas ficará nesse ciclo até cerca de 1935, quando passa a se envolver com os projetos da Igreja, fundada oficialmente em 1940. Em ambos os momentos, seja pela impossibilidade da recuperação de um mundo e de um tempo perdidos, seja pela dedicação a novos projetos que dão outro sentido à sua vida, o livro e a realidade de *Sangue de Ilusões* parecem distantes ao autor. O fato parece confirmado no posfácio de Aderbal Freire-Filho, onde há referência a um depoimento de João de Minas de 1945, no qual ele diz que seu pior livro foi *Jantando um Defunto*, acrescentando: “hoje não preciso da pena para viver e tenho nojo completo desse livro”¹³. Talvez o mesmo valha para o terceiro livro da série, *Sangue de Ilusões*, o mais engajado e acalorado deles, ao ponto de ele ter se esquecido que o escreveu.

* * *

Além de escritos por um autor que não nutria simpatias pelo regime político então vigente entre 1930 e 1945, os livros de João de Minas pareciam ter dois outros estigmas. Primeiro, esse autor opunha-se à escola literária que ganhou destaque posteriormente, pois João de Minas era antimodernista, produzindo livros que se distanciavam do modelo de literatura que se tornaria canônico, apesar de apresentar traços modernos em sua escrita. A posição antimodernista de João de Minas fica explícita no artigo publicado no *O Paiz*¹⁴, intitulado “A Velha Arte Nova”, no qual os argumentos enfatizam a organicidade da arte e sua vocação para captar a beleza, contra o experimentalismo das vanguardas, assemelha-se à posição dos acadêmicos (ABL) e de Mário Guastini em *A Hora Futurista*, de 1926. Não encontramos até o momento textos de João de Minas sobre crítica literária após 1930; logo, não sabemos se sua posição se manteve a mesma, o que é provável que tenha acontecido. No próprio *Sangue de Ilusões* essa

¹³ Apud FREIRE-FILHO, *Op. Cit.*, p. 235

¹⁴ A Velha Arte Nova. *O Paiz*, 07/10/1928, p. 1 e 6

concepção é bem explicitada em mais um dos projetos de João de Minas que não deram certo, não sendo seguido nem por ele próprio em outros livros.

Na capa posterior do livro, o autor insere uma foto de uma jovem no centro da página – Yolanda Pereira, a miss Brasil e miss universo do ano de 1930. Yolanda fora eleita miss universo num concurso internacional promovido no Rio de Janeiro por “A NOITE” em 07 de setembro de 1930¹⁵, que contava com representantes de vários países, fartamente fotografadas em números dos meses anteriores e seguintes no suplemento feminino do periódico. Os concursos de beleza, num tempo de maior visibilidade da mulher burguesa no espaço público, faziam bastante sucesso na década de 20, pois permitiam que as elites brasileiras se afirmassem como civilizadas através da exibição aos olhos de todo o mundo da sofisticação e da beleza da mulher brasileira, que seguiam os cânones da moda francesa e das estrelas norte-americanas, difundidas pelos filmes de cinema e pela imprensa feminina¹⁶. Além de se vincularem aos valores do cânone ocidental de beleza, os concursos tinham um caráter pedagógico, na medida que permitam o estabelecimento e difusão de um modelo a ser seguido: a da mulher branca, loira ou morena, higiênica e com corpo modelado, padrões não desvinculados de uma proposta eugênica de melhoria da raça, também perseguido pelas nossas elites intelectuais e econômicas, visto que os concursos eram norteados por medidas antropométricas estabelecidas para um corpo feminino saudável, a serem verificadas pelos jurados na futura *miss*¹⁷

Assim, em torno da referida foto de Yolanda Pereira, João de Minas apresentava a proposta do “Selo Brasileiro da Beleza Universal”, na qual explicita seus padrões estéticos e artísticos, como segue abaixo:



Capa de “Noite Ilustrada”
Suplemento, 11/09/1930
Foto de Yolanda Pereira

¹⁵ “Concurso Internacional de Beleza do Rio de Janeiro”. *A Noite*, Suplemento, Ano 1, nº 21, 11/09/1930, p. 12. O exemplar foi consultado na Biblioteca Mário de Andrade, setor de periódicos antigos, da onde tiramos a foto acima.

¹⁶ SCHPUN, Mônica Raisa. *Les Années Folles à São Paulo: Hommes et Femmes au temps de l’explosion urbaine (1920-1929)* Paris: L’Harmattan, 1997, p. 245 e ss. (sobre a beleza nos anos 20, ver todo o cap. 4)

¹⁷ *idem*, p. 246-7; OLIVEIRA, Letícia Fagundes de. *A Cruzada Eugênica no Brasil: Eugenia e Sexualidade nas Décadas de 20 e 30*, São Paulo, USP, 2003, Dissertação (Mestrado) em História, cap. 4.

“João de Minas lança e inaugura aqui a idéia do Selo Brasileiro da Beleza Universal. É o selo acima: o retrato de Yolanda Pereira, a mais bela do mundo. João de Minas sugere a todos os artistas nacionais adotarem doravante nas suas obras este Selo, que aparecerá em todos os livros, em todas as estátuas, em todos os quadros, etc., etc., impresso ou gravado de maneira indelével, num cantinho. O concurso de beleza passará; passarão as gerações, tudo passará... Mas a Arte, que é uma forma terrena de Deus, não passa! Assim Yolanda Pereira, para orgulho da raça, se imortalizará por sua efígie, e, divina, olhará os séculos brincarem de correr. – Escuta, Yolanda Pereira: nós, artistas brasileiros, queremos dar-te de presente o tempo, a Eternidade. Sê imortal, como Helena! (João de Minas levará essa idéia à jovem e já gloriosa Sociedade dos Artistas Brasileiros).”

Em segundo lugar, João de Minas abandonou as letras para fundar uma religião, a Igreja Brasileira Cristã Científica ou Ciência Divina, o que deve ter contribuído definitivamente para enterrar sua reputação como escritor. Sobre esse assunto, diz ironicamente o jornal carioca *Última Hora*:

“João de Minas, cujo verdadeiro nome é Ariosto Palombo, por motivos que ninguém até hoje sabe, resolveu fundar uma religião (...) Depois de firmadas as bases, principiou por divulgar o novo credo entre seus amigos mais chegados, expondo com ardente fé os princípios de sua Ciência Divina. Os fiéis surgiram rapidamente e João de Minas começou então a viajar (...) Quando seus seguidores já atingiam a casa dos cem mil, escreveu a primeira bíblia sagrada de sua seita, livro que por sua carga mágica é remédio criador, desenfeitiçador”¹⁸

Pelas poucas fontes que recolhemos sobre a Igreja, parece que o jornal historia os eventos de forma correta. Porém mais revelador é o tom de desdém implícito na matéria. Se o próprio João de Minas já não se interessava mais pelos livros escritos de sua “vida profana”, tampouco a grande imprensa e a academia demonstravam interesse em recuperá-lo enquanto escritor. Um fato ilustrativo desse ostracismo em função de sua religião é mencionado pelo escritor Caio Porfírio Carneiro:

“Continuava, na velhice, a ser o mesmo João de Minas cheio de novidades e imprevistos. O escritor Paulo Duarte, presidente da União Brasileira de Escritores, não aceitou sua proposta de inscrição na entidade. Levou mais em conta as atitudes insólitas do escritor do que o valor de sua obra.”¹⁹

Mas, como o próprio Caio Porfírio, muitos reconheciam a importância da obra literária de João de Minas. Nós, complementarmente, através de um livro

¹⁸ Seita religiosa quer fundar um sindicato. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 24/08/1959

¹⁹ CARNEIRO, Caio Porfírio. O Incrível João de Minas. *DO Leitura*, São Paulo, 11(123), agosto de 1992, p. 10

desconhecido do autor, procuramos salientar a importância de sua obra do ponto de vista histórico, pois *Sangue de Ilusões* pode ser visto como produto e resposta a um período conturbado da política e da história brasileira, história essa que até hoje produz notáveis esquecimentos.